



Organizadores

Gisele Papeti

Joaquim Pereira da Silva Junior

Maria Luiza Scrosoppi Persicano

Sandra Aparecida Ramos de Mello

Psicologia das massas

Um século de pensamento crítico

Blucher

PSICANÁLISE

COLEÇÃO

Departamento

**Formação em
Psicanálise**

PSICOLOGIA DAS MASSAS

Um século de pensamento crítico

Organizadores

Gisele Papeti

Joaquim Pereira da Silva Junior

Maria Luiza Scrosoppi Persicano

Sandra Aparecida Ramos de Mello

Psicologia das massas: um século de pensamento crítico

© 2022 Gisele Papeti, Joaquim Pereira da Silva Junior, Maria Luiza Scrosoppi

Persicano e Sandra Aparecida Ramos de Mello (*organizadores*)

Editora Edgard Blucher Ltda.

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenação editorial Jonatas Eliakim

Produção editorial Ariana Corrêa

Preparação de texto Ana Maria Fiorini

Diagramação Guilherme Henrique

Revisão de texto MPMB

Capa Leandro Cunha

Imagem da capa *A descoberta da Terra* (1941), de Candido Portinari (1903-1962), São Paulo, Brasil, via Wikimedia Commons

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme

5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua*

Portuguesa, Academia Brasileira de Letras, março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard Blucher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação
na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Psicologia das massas: um século de pensamento crítico / organizado por Gisele Papeti...[et al]. - São Paulo: Blucher, 2022.

312 p.

Bibliografia

ISBN 978-65-5506-448-3 (impresso)

1. Psicanálise I. Papeti, Gisele

22-4552

CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

Conteúdo

Prefácio	27
<i>Roberto Bittencourt Martins</i>	
1. O pensamento crítico grupal em abertura de evento: uma sessão de Fotolingagem	33
<i>Maria Luiza Scrosoppi Persicano, Rose Pompeu de Toledo</i>	
2. O centenário da psicologia das massas freudiana: seu legado para o estudo das formações coletivas	65
<i>Carla Penna</i>	
3. O movimento grupal: um entrelaçar de histórias	87
<i>Sandra Aparecida Ramos de Mello</i>	
4. No coração da massa, a violência dos ideais	111
<i>Helenice Oliveira Rocha</i>	
5. A massa e a psicologia de Eichmann	129
<i>Wilson Klain</i>	

6. Um Hitler interno em todos nós 155
Maria Luiza Scrosoppi Persicano
7. A atualidade de Freud e a transgeracionalidade do povo brasileiro 177
Lazslo Antonio Ávila
8. Identificação, racismo e o circuito dos afetos 193
Cristina Rocha Dias
9. Quando a massa não dá liga: sobre fragmentos e traumas no Brasil 205
Pablo Castanho
10. A problemática do narcisismo das pequenas diferenças: nova leitura sobre a política no discurso freudiano 221
Joel Birman
11. Psicanálise e biopolítica 229
Helgis Torres Cristóforo
12. Sonhos pandêmicos 259
Natália Bezerra Mota
13. Experiência em grupo de discussão 271
Ana Elias Barbosa, Margaret Simas Ramos Marques
14. W³: o virtual, o digital e a arte como recursos de transformação 295
Alexandre Santos Ferreira

1. O pensamento crítico grupal em abertura de evento: uma sessão de Fotolinguagem

Maria Luiza Scrosoppi Persicano

Rose Pompeu de Toledo

Por coisas singulares entendo coisas que são finitas e têm existência determinada. Se vários indivíduos concorrem para uma única ação de maneira que todos sejam simultaneamente causa de um único efeito, nesta medida considero-os todos como única coisa singular.

Espinosa, 1677¹

Introdução

A experiência vivida pelas autoras na cocoordenação de uma atividade grupal de orientação psicanalítica, em único encontro, de uma sessão de Fotolinguagem grupal em evento do Departamento Formação em Psicanálise do Instituto *Sedes Sapientiae* motivou a elaboração deste texto. A sessão de Fotolinguagem foi a atividade de abertura do evento *Psicologia das Massas: um século de pensamento crítico*,² com o

1 Espinosa, B. de (2000). Da mente. In *Ética* (Marilena Chauí, Coord. e Grupo de Estudos Espinosanos, Trad.). São Paulo: Edusp, p. 127. (Trabalho original publicado em 1677)

2 Evento *Psicologia das Massas: um século de pensamento crítico*. Grupo de Estudos “Psicanálise, Grupos e Instituições”. Departamento Formação em Psicanálise. Instituto *Sedes Sapientiae*. 18 e 19 jun. 2021. Youtube.

objetivo de estimular os participantes a pensarem grupalmente o tema do evento. Tratar do tema do evento implicou o enfrentamento de situações traumáticas vividas na sociedade e na cultura, nos grupos e nas instituições. Para abrir o evento, preferimos como dispositivo um grupo com objeto mediador (Fotolingüagem), porque possibilita a emergência de um “pensar” grupal capaz de recolher sentidos compartilhados frente à pergunta colocada e às fotos projetadas. O texto pretende apresentar resumidamente a técnica da Fotolingüagem como objeto mediador, sua origem e seu embasamento, na teoria e na técnica psicanalítica de grupos, e será finalizado com a sessão de Fotolingüagem, buscando apontar aspectos dessa prática e como se fundamentam na teoria psicanalítica e conversam com a sua técnica.

Grupo em psicanálise

Quando se define o que é um grupo, independentemente das diferenças entre as especialidades teóricas e metodológicas que tratam do tema grupalista, em todas um grupo não é mero aglomerado nem uma série³ de pessoas; urge aspectos estabelecidos: um grupo é mais que a soma dos indivíduos que o compõem; um grupo é um sistema de relações, laços, vínculos que se estruturam como exteriores aos sujeitos que o compõem; um grupo é um conjunto de indivíduos que estão ligados entre si por constantes de tempo e espaço, ao mesmo tempo que é constituído por sujeitos articulados por mútua representação interna.

Procurar definir grupo é uma busca de certa essência irredutível que dê condições para a existência do objeto-grupo para estudo e

3 Sartre, J.-P. (1970). *Critique de la raison dialectique*. Paris: Gallimard. (Trabalho original publicado em 1960)

pesquisa, e que permita fazer uma reflexão crítica à existente oposição indivíduo-grupo. São dois conjuntos de noções a respeito de grupos: de um lado, teses individualistas nas quais o grupo é tido como os indivíduos que se juntam ou são reunidos por motivação, necessidades, características pessoais, patologias, eventos coletivos, na verdade, um agrupamento, e “o grupo” praticamente não é percebido como um ente em si; de outro, teses grupalistas que o consideram entidade distinta dos indivíduos que o compõem. Neste segundo, após a Segunda Guerra Mundial, temos, entre muitos autores, três que tomaremos como fundamentais para a finalidade deste trabalho: Bion, Pichon e Kaës. No grupalismo, “a referência privilegiada será ao grupo que, ao se distinguir como outro ser, ganhará estatuto próprio, transformando-se numa espécie de *a priori* para a compreensão dos movimentos que nele se dão”.⁴

Bion

Durante a década de 1940, Bion partiu de suas experiências com grupos em um hospital militar durante a Segunda Guerra Mundial, e depois na Clínica Tavistock de Londres, para desenvolver conceitos originais a respeito de grupos^{5,6} sob a influência do pensamento de Melanie Klein.⁷

4 Barros, R. D. B. (1993). Grupo e produção. *Saúde e loucura 5 – Grupos e coletivos*. São Paulo: Hucitec, p. 146.

5 Bion, W. R. (1969). Dinâmica de grupo: uma revisão. In M. Klein, P. Heimann, & R. E. Money-Kyrle, *Temas de psicanálise aplicada* (cap. 7; Álvaro Cabral, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1955)

6 Bion, W. R. (1975). *Experiências com grupos: os fundamentos da psicoterapia de grupo* (Walderedo Ismael de Oliveira, Trad.; 2a ed.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1961)

7 Klein, M. (1991). *Obras completas de Melanie Klein*. (Liana Pinto Chaves, Claudia Starzynsky Bacchi e André Cardoso Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1975)

Define o conceito de mentalidade grupal como a atividade mental coletiva que se produz quando as pessoas se reúnem num grupo. Essa atividade mental inclui, de um lado, pensamentos, opiniões, anseios, e, de outro, impulsos e desejos, conscientes ou inconscientes. A mentalidade grupal pode apresentar duas tendências ou planos opostos: a atividade mental de trabalho, em sua maioria consciente, e a atividade mental de suposto básico, totalmente inconsciente. Ambas sempre coexistem, mas, dependendo da atividade dominante em determinado grupo, este é caracterizado pela mentalidade grupal de trabalho ou pela mentalidade grupal de suposto básico. O que caracteriza a mentalidade grupal é ela possuir uma unanimidade, em que o grupo funciona como uma unidade em muitas situações, apesar de seus membros não se proporem a isso nem terem consciência disso.

No grupo a mentalidade grupal contrasta com a mentalidade individual. A atividade mental coletiva entra em confronto com a mentalidade individual, o que produz desconforto e mal-estar nos indivíduos do grupo, estes últimos enfrentado pela elaboração da sua cultura característica. A cultura de grupo será o conceito forjado por Bion para qualificar a sua organização em dado momento, resultante da oposição e interjogo entre a mentalidade grupal e as mentalidades individuais.

A *cultura de grupo* corresponde à estrutura dele em dado momento, às tarefas a que ele se propõe e à organização adotada para a realização dessas tarefas. Inclui um conjunto de objetivos, normas, valores, papéis, condutas. O grupo em sua cultura tende a constituir-se em líder e seguidores, o líder correspondendo à fantasia grupal.

O *grupo de suposto básico* é regido por uma atividade mental de fantasias inconscientes primárias, as quais contêm impulsos libidinais narcísicos e destrutivos, angústias arcaicas persecutórias ou depressivas e mecanismos primitivos de defesa. São fantasias onipotentes a respeito do modo pelo qual serão resolvidas as dificuldades do grupo. São estados emocionais tendentes a evitar a frustração que é inerente

ao aprendizado por experiência, que implicaria esforço, dor e contato com a realidade. É a mentalidade de um grupo que se caracteriza pela participação automática e inevitável dos indivíduos, não necessitando para isso de nenhum treinamento especial, de nenhuma experiência emocional integrada e de pouca elaboração no pensar. É uma participação espontânea, sempre inconsciente, e não conduta intencional e consciente. Bion denominou *valência* essa capacidade “instintiva”, semelhante ao tropismo das plantas, de combinação instantânea e involuntária de um indivíduo com outros para participarem da mentalidade grupal de suposto básico e atuarem de acordo com ela. Na linguagem de nosso evento, podemos dizer que é uma atividade mental sem nenhum pensamento crítico, que Bion classificará mais tarde como protomental dentre os primeiros níveis da grade que construiu em sua teoria do pensamento,⁸ diferentemente do grupo de trabalho, que exige capacidade prévia de cooperação por parte do indivíduo, cuja participação é tanto inconsciente quanto consciente.

Bion trabalha três tipos de grupos de suposto básico, afirmando que apenas um está presente e atuante em dado momento. São eles: suposto de dependência, de luta e fuga e de conjugação ou acasalamento.

O *grupo de suposto básico de dependência* representa uma mentalidade que se caracteriza pela fantasia coletiva do grupo ser um “organismo ainda imaturo”, dependente absoluto de um líder revestido de poderes mágicos, capaz de prover total segurança ao grupo e a satisfação de todas as necessidades e desejos. Esse líder é uma “deidade” protetora, de quem não se duvida da bondade, poder e sabedoria. A forma aberrante do suposto básico de dependência ocorre em casos extremos de conflito com a ideia nova, que, se trazida pelo “místico” ou “gênio”,⁹ é julgada insatisfatória pelo grupo e é vivida como um

8 Bion, W. R. (1977). The grid. In W. R. Bion, *Two papers: the grid and caesura*. Imago. (Trabalho original publicado em 1976).

9 Bion, W. R. (2007). O místico e o grupo. In *Atenção e interpretação* (cap. 6; Paulo César Sandler, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1970).

ataque às suas crenças. O grupo pode reagir criando uma forma de organização que necessitará da contribuição de algum grupo externo com o propósito de pressionar, por meio da ação, o grupo externo, a fim de influenciá-lo ou de ser influenciado por ele. Aqui o grupo passa a procurar outro líder.

O *grupo de suposto básico de luta e fuga* ou *ataque e fuga* revela uma mentalidade grupal cujo material é a fantasia coletiva de atacar e ser atacado, na convicção grupal de que existe um inimigo externo ao grupo, o qual é preciso atacar ou do qual é necessário fugir. É a fantasia de um objeto mau projetada no exterior do grupo, e as ações e reações defensivas são tendentes à destruição ou evitação. Predomina a ira e o ódio, correspondendo à angústia persecutória do grupo em relação ao mundo externo. O líder aceito de um grupo nesse estado é um líder paranoide, alguém que receba bem as projeções destrutivas do grupo, mas ao mesmo tempo que deve alimentar a ideia grupal de um inimigo externo a ser atacado ou evitado, bem como de haver o perigo de um possível inimigo interno aliado ao inimigo externo que tem de ser expurgado ou eliminado para que o grupo não seja aniquilado. A forma aberrante desse tipo de suposto básico, em que a ideia nova é vivida como “o inimigo”, é caracterizada por atividades tendentes a tomar posse da pessoa do líder ou de grupos externos. Ou a tendência a serem possuídos por um grupo externo, por suas ideias e opiniões.

O *grupo de suposto básico de acasalamento* apresenta uma mentalidade grupal dominada pela esperança messiânica de um líder por nascer, um salvador. As partes ideais de cada membro estão colocadas num líder messiânico, alguém que ainda não nasceu, relacionado com um par que promete gerar um filho ou alguma ideia relacionada com o futuro, que virá libertar o grupo de seus sentimentos de ódio, destruição e desespero. Há a crença coletiva e inconsciente de que, quaisquer que sejam os problemas e anseios atuais do grupo, um fato futuro ou um ser ainda por vir os resolverá. É uma esperança messiânica, mágica, e o importante nesse estado

é a ideia de futuro, não a resolução no presente. A forma aberrante deste último é a tendência à cisão ou cisma, em que uma parte do grupo continuará à espera do messias e se manterá nesse suposto, enquanto outra parte sofrerá as vicissitudes dependentes de vários fatores, entre eles a capacidade de tolerar a ideia nova e uma tendência a funcionar novamente por supostos básicos.

Mais adiante em sua obra, Bion conclui que o grupo precede o indivíduo na história da espécie, e por isso as origens da formação espontânea de grupos estão enraizadas no grupo-horda primordial e primevo. O grupo de suposto básico é oriundo dessa origem primitiva, um atavismo do grupo primevo que está inserido na mentalidade e na cultura grupal.¹⁰ Por essa origem primitiva, o grupo de suposto básico tende a não suportar o bom e o mau no mesmo objeto, recorrendo à cisão e à idealização para a defesa contra a angústia de experienciar algo. Caracteriza-se pelo ódio à aprendizagem por experiência e apoio na crença da eficácia da magia, presente no pensamento mágico e na reparação maníaca.

Na teoria dos grupos, uma notável intuição permitiu a Bion antecipar, muito além de seu tempo, descobertas arqueológicas que descrevem no funcionamento grupal a presença de “vestígios psíquicos do grupo pré-humano”, grupo nômade das savanas africanas, que se organizava de acordo com padrões descritos pelos supostos básicos.¹¹

Bion, em fase posterior à sua teoria de grupos, ao tratar do que denominou de vincularidade permanente entre analista e paciente

10 Bion, W. R. (2007). O místico e o grupo. In *Atenção e interpretação* (cap. 6; Paulo César Sandler, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1970).

11 Chuster, A. & Soares, G.; Trachtemberg, R. (2014). *W. R. Bion: a obra complexa*. Porto Alegre: Sulina. Grifos do autor.

na relação dual analítica, foi além de Freud e de Melanie Klein, que traziam o constante conflito de amor *versus* ódio. A noção de *vínculo*¹² será tratada por Bion como experiência emocional nas relações de objeto entre duas ou mais pessoas (coloridas de fantasias de relações de objeto interno) e nas relações de objeto interno. Vínculo é o conceito que se refere a elos emocionais que unem duas ou mais pessoas, ou duas ou mais partes da mesma pessoa (consciente e inconsciente; id e superego; parte psicótica e parte não psicótica) relacionadas uma com a outra. Para ele, existem três vínculos: *vínculo de amor*, *ódio* e *conhecimento*, correspondendo às respectivas emoções de amor, ódio e conhecimento, que são intrínsecas ao vínculo entre objetos, já que uma experiência emocional não pode ser concebida isoladamente de uma relação. Fala de conflitos entre emoções: do *vínculo de amor* com o *vínculo de ódio*, mas acrescenta no *vínculo de amor* o conflito entre esse *vínculo mais(+)* amor com o *vínculo menos(-)* amor; igualmente no *vínculo do conhecimento*, o conflito *conhecimento* (verdade) com o *menos(-)* conhecimento (não verdade). Aqui podemos pensar em uma combinação possível de ocorrer em certos grupos de supostos básicos: *menos(-)* amor, *menos(-)* conhecimento (não verdade) e *ódio*, o que permitiria pensar que o resultado dessa combinação poderia ser o que se observaria como algo do tipo *menos(-)* pensamento crítico.

Pichon-Rivière

Pichon-Rivière inicialmente define grupo como um “conjunto restrito de pessoas, ligadas entre si por constantes de tempo e espaço, e

12 Bion, W. R. (1991). *O aprender com a experiência*. (Paulo Dias Correa, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1962)

articuladas por sua mútua representação interna, que se propõe, de forma explícita ou implícita, uma tarefa que constitui sua finalidade”.¹³

Por essa definição, poderia parecer que Pichon segue a tese individualista, vendo o grupo apenas como um conjunto de pessoas com uma tarefa e uma finalidade, mas ele desenvolverá a ideia da mútua representação interna, ampliando o conceito de relação de objeto de Melanie Klein¹⁴ na sua noção de vínculo,¹⁵ o que o coloca como um grupalista. Formula a noção de vínculo definindo-a como uma estrutura complexa, dinâmica, que inclui tanto o sujeito quanto o objeto e sua mútua inter-relação com processos de comunicação e aprendizagem. Também vê o vínculo em dois campos: um interno e outro externo, trazendo a noção de campo¹⁶ para a psicanálise. O vínculo tem o vértice intrassubjetivo das relações de objeto interno de Klein, o vértice de “adaptação ativa à realidade” das relações objetais de Freud, acrescido do vértice da intersubjetividade da psicologia social.

A psicologia social que postulamos tem como objeto de estudo o desenvolvimento e transformação de uma relação dialética, que se dá entre estrutura social e fantasia inconsciente do sujeito, fundada sobre suas relações de necessidade. Dizendo de outra maneira: a relação entre estrutura social e configuração do mundo interno do

13 Pichon-Rivière, E. (1983). *O processo grupal*. São Paulo: Martins Fontes, p. 177. (Trabalho original publicado em 1980/1982)

14 Klein, M. (1991). Algumas conclusões teóricas relativas à vida emocional do bebê. In M. Klein., *Obras completas de Melanie Klein*. (vol. III: Inveja e gratidão e outros trabalhos [1946-1963], cap. 6; Elias Mallet da Rocha Barros, Liana Pinto Chaves (coord.) e colaboradores, Trad. da 4a ed. inglesa). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1952)

15 Pichon-Rivière, E. (1986). *Teoria do vínculo*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1980)

16 Lewin, K. (1965). *Teoria de campo em ciência social* (Carolina Martuscelli Bori, Trad.). São Paulo: Pioneira. (Trabalho original publicado em 1951)

*sujeito, relação esta que é abordada através da relação de vínculo.*¹⁷

Vínculos são relações intersubjetivas cujos fundamentos motivacionais são as “necessidades”.¹⁸ “Tais necessidades têm um matiz e intensidade particulares, nos quais já intervêm a fantasia inconsciente.”¹⁹ Essa estrutura relacional é internalizada e adquire uma dimensão intrassubjetiva com características “boas” ou “más” relacionadas ao sentimento de frustração ou gratificação associado ao início desse vínculo. Pertencem ao mundo interno e condicionam as características de aprendizagem da realidade.

O mundo interno se define como um sistema, no qual interatuam relações e objetos, em uma mútua realidade. Em síntese, a inter-relação intrassistêmica é permanente, enquanto se mantém a interação com o meio. Formularemos os critérios de saúde e doença a partir das qualidades da interação externa e interna. Esta concepção do mundo interno e a substituição da noção de instinto pela de estrutura vincular (entendendo o vínculo como uma protoaprendizagem, como veículo das primeiras experiências sociais, constitutivas do sujeito como tal, com uma negação do narcisismo primário)

17 Pichon-Rivière, E., & Quiroga, A. P. (1982). Contribuições à didática da psicologia social. In E. Pichon-Rivière, *O processo grupal*. São Paulo: Martins Fontes, p. 174. (Trabalho original publicado em 1980)

18 Aqui, o uso do termo “necessidade” em Pichon pode ser atualmente lido como correspondendo à pulsão e às pulsões parciais, coloridas pelo fantasiar inconsciente, e não apenas às necessidades biológicas.

19 Pichon-Rivière, E. (1982). *O processo grupal*. São Paulo: Martins Fontes, p. x. (Trabalho original publicado em 1980)

*conduzem necessariamente à definição de psicologia, em um sentido estrito, como psicologia social.*²⁰

Pichon, dessa forma, substitui a noção de instinto pela noção de estrutura vincular. Entende o vínculo como o veículo das primeiras experiências sociais constitutivas do sujeito, sendo também um elemento estruturante.

Pichon recuperou o pensamento da dialética como um instrumento que serve à psicanálise, conectou fundamentos epistemológicos da filosofia com fundamentos psicanalíticos e estruturou uma teoria psicanalítica de grupos.

*Com a teoria do vínculo [Pichon] consegue dar um salto qualitativo de uma teoria psicanalítica predominantemente intrapsíquica para uma psiquiatria social que considera o indivíduo uma resultante dinâmico-mecanicista, não da ação dos instintos e dos objetos interiorizados, mas, sim, do interjogo estabelecido entre o sujeito e os objetos externos e internos em uma predominante relação de interação dialética, a qual se expressa através de certas condutas. Isso lhe permite desenvolver uma psiquiatria centrada no estudo das relações interpessoais, que denomina psiquiatria do vínculo, psiquiatria dinâmica que ele constrói com os postulados da psicanálise.*²¹

Kaës

Kaës entende o grupo como um método de investigação, um processo de trabalho psicanalítico e uma teoria. Afirma que ele tem

20 Idem, p. xi.

21 Taragano, F. (1986). Introdução. In E. Pichon-Rivière, *Teoria do vínculo*. São Paulo: Martins Fontes, p. 12. (Trabalho original publicado em 1980)

as seguintes características morfológicas: um princípio desejante e organizador; a pluralidade e a presença simultânea das pessoas; o face a face; a pluralidade dos discursos e a intersubjetividade, comuns a todos os tipos de grupo.²²

Para pensar as estruturas, organizações e processos psíquicos do grupo, propôs o modelo de aparelho psíquico grupal,²³ que “mobiliza, liga e põe de acordo as formações e os processos da psique de cada membro do grupo no trabalho psíquico que se impõe a eles para construir o grupo”.²⁴

Segundo Kaës, a formação da realidade psíquica do grupo se apoia na psique dos sujeitos que o compõem, transformando-a e produzindo uma realidade psíquica com uma lógica própria e específica do grupo, com entidades psíquicas que não existiriam sem o agrupamento, diferente daquela do sujeito singular. Para ele, a realidade psíquica inconsciente do grupo só é acessível em grupo.

Afirma que no grupo, assim como em todo vínculo intersubjetivo, o inconsciente se inscreve e se manifesta diversas vezes – vários registros e em várias linguagens – nos espaços do grupo, nos vínculos intersubjetivos e no sujeito singular (espaço intrapsíquico).

*Se, como o conceito, o grupo é um espaço psíquico comum e partilhado, é necessário não só relatar o que cabe à psique dos sujeitos nas formações originais que compõem o grupo, mas ainda especificar o que é singular e privado, o que é comum e partilhado e o que permanece diferente.*²⁵

22 Kaës, R. (2011). *Um singular plural: a psicanálise à prova do grupo*. São Paulo: Loyola.

23 Kaës, R. (2017). *O aparelho psíquico grupal. Construções de grupo*. São Paulo: Ideias & Letras.

24 Kaës, R. (2011). *Um singular plural: a psicanálise à prova do grupo*. São Paulo: Loyola, pp. 48-49.

25 Idem, p. 54.

O singular e o privado correspondem ao espaço intrapsíquico. O comum é definido como substância psíquica que une os membros de um vínculo. Kaës aqui faz referência ao termo *kinship*, descrito por Freud em “Totem e tabu”.²⁶ Para Freud, *kinship* é um vínculo que une incondicionalmente os membros do clã, cujos participantes respondem solidariamente uns pelos outros. Freud refere a um grupo de pessoas tão ligadas que podem ser vistas como partes de uma vida conjunta. O partilhado diz respeito ao lugar que cada sujeito ocupa nas fantasias, nas alianças, nos contratos e nas defesas comuns aos sujeitos de um vínculo. O diferente diz respeito ao que não pode ser comum nem partilhado entre os sujeitos.

Segundo Kaës, o vínculo é um espaço dotado de uma realidade psíquica específica; não é a ligação entre dois sujeitos e não é a soma de dois ou mais sujeitos. É uma formação intermediária entre os sujeitos e as configurações vinculares (grupo, família, casal e instituição). Afirma que vínculo “é um espaço psíquico construído a partir da matéria psíquica envolvida em suas relações, notadamente por meio das alianças inconscientes que as organizam”.²⁷

Kaës entende a intersubjetividade como “A estrutura dinâmica do espaço psíquico entre dois ou vários sujeitos. Esse espaço compreende processos, formações e experiências específicos, cujos efeitos infletem²⁸ o advento dos sujeitos do inconsciente e de seu futuro Eu no seio de um Nós”.²⁹

26 Freud, S. (2012). Totem e tabu. In S. Freud, *Obras completas* (vol. 1). São Paulo: Companhia das Letras, p. 207. (Trabalho original publicado em 1913)

27 Kaës, R. (2010). Les médiations entre les espaces psychiques dans les groupes. *Le Carnet PSY*, 141(1), 35-38. Recuperado de <https://www.cairn.info/revue-le-carnet-psy-2010-1.htm>. Tradução nossa.

28 Infletir: inclinar(-se), dobrar(-se) formando curva; mudar a direção de (algo ou si mesmo).

29 Kaës, R. (2011). *Um singular plural: a psicanálise à prova do grupo*. São Paulo: Loyola, p. 24.

Kaës articula o espaço do sujeito singular ao espaço do grupo. O sujeito singular é sujeito do inconsciente e sujeito do grupo; além de parte constituída, é também parte constituinte do grupo.

*A situação de grupo põe em ação as relações que o sujeito mantém com seus próprios objetos inconscientes, com os objetos inconscientes dos outros, com os objetos comuns e compartilhados que já estão aí, herdados, e com aqueles que se apresentam e são construídos na situação do grupo.*³⁰

Esse autor reflete sobre os grupos com objetos mediadores a partir do trabalho de seus alunos que pesquisam e operam com esse dispositivo. Entende que qualquer grupo pode ser visto como o meio e o lugar de um trabalho psíquico que fabrica mediações entre os espaços psíquicos do grupo, dos vínculos intersubjetivos e do sujeito singular.

Objeto mediador

No sentido lato, não existe nenhum grupo – qualquer que seja sua característica (terapêutica, formativa ou situação natural de vida) – que não seja de mediação, pois todo grupo é o meio e o lugar de um trabalho psíquico que fabrica mediações entre os espaços psíquicos, os objetos, os processos e as formações que contém.³¹

30 Kaës, R. (2010). Les médiations entre les espaces psychiques dans les groupes. *Le Carnet PSY*, 141(1), 35-38. Recuperado de <https://www.cairn.info/revue-le-carnet-psy-2010-1.htm>. Tradução nossa.

31 Idem.

Entretanto, na maioria das vezes, no sentido específico, quando se fala em grupo de mediação infere-se que o objeto mediador solicita a sensopercepção:

o grupo de mediação qualifica uma técnica destinada a mobilizar explicitamente os processos psíquicos, meios ordenados para um fim. Nesse caso, implementar uma “mediação” consiste em escolher e utilizar um objeto ou uma atividade (desenho, modelagem, jogo, psicodrama, contação de histórias, oficina de escrita, fotografia, teatro, coral, a lista é quase infinita) como meio pelo qual é possível obter certo efeito do trabalho psíquico nas pessoas que dele participam, ou estabelecer nelas ou entre elas certo tipo de relação. O recurso a essas mediações é muitas vezes feito quando a fala se revela insuficientemente disponível para os seus membros, e sobretudo quando vários modos de expressão – o corpo, a sensorialidade, o gesto – são mobilizados na sua relação com a fala, que continua a ser o objetivo supremo da mediação.³²

Para Vacheret,³³ “o objeto mediador é um objeto intermediário entre o sujeito e o grupo, entre os membros do grupo e, além disso, pode ser representativo do grupo como entidade”. Essa autora^{34,35}

32 Idem.

33 Vacheret, C. (2015). O grupo, o objeto mediador e o acesso ao pensamento metafórico. In C. C. Abud et al. (Orgs.), *A subjetividade nos grupos e instituições: constituição, mediação e mudança*. (pp. 90-91). Lisboa, São Paulo: Chiado.

34 Idem.

35 Vacheret, C., Gimenez, Guy & Abud, C. C. (2013). Como pensar a sinergia entre o grupo e o objeto mediador. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 47(3),

também destaca a importância do processo de sinergia, que é a ligação dinâmica entre o grupo e o objeto mediador. Os processos psíquicos grupais, de um lado, e os processos psíquicos gerados pela presença material do objeto mediador, de outro, formam um conjunto complexo que caracteriza esse dispositivo, que dá ao processo grupal com objeto mediador um duplo apoio no grupo e no objeto de mediação.

Como o objeto mediador é ao mesmo tempo um objeto intermediário³⁶ – não sendo nem eu nem outro, nem dentro nem fora, mas sim um objeto metafórico, gerador de símbolos, disparando o funcionamento do nível simbólico do “como se” –, ele contém angústias e conflitos, pois tolera as contradições e, assim, permite o pensar dialético.

O objeto mediador favorece o processo inconsciente de difração da transferência,³⁷ fenômeno que produz efeitos psíquicos no grupo, “mas sobretudo no sujeito do grupo quando ele toma consciência do que transitou do seu imaginário para outro membro do grupo”.³⁸ Nos grupos de mediação os sujeitos depositam inconscientemente, em cada membro do grupo, as partes de sua psique. Os diferentes conteúdos psíquicos, como angústias, fantasias conscientes e inconscientes, depositados pelos membros do grupo no mesmo objeto mediador, determinam trocas intersubjetivas no grupo e permitem

156-169. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2013000300015&lng=pt&tlng=pt.

36 O conceito de objeto mediador no dispositivo grupal não se equivale necessariamente ao de objeto transicional de Winnicott, no sentido de o objeto mediador ser compartilhado entre várias pessoas enquanto o objeto transicional diz respeito à relação dual mãe-bebê. Porém, grupo tem a função continente materna e ao mesmo tempo pode reproduzir a fusão no útero materno em muitos momentos.

37 Kaës, R. (1997). *O grupo e o sujeito do grupo: elementos para uma teoria psicanalítica do grupo*. São Paulo: Casa do Psicólogo. (Trabalho original publicado em 1993)

38 Vacheret, C. (2015). O grupo, o objeto mediador e o acesso ao pensamento metafórico. In C. C. Abud et al. (Orgs.), *A subjetividade nos grupos e instituições: constituição, mediação e mudança* (cap. 3). Lisboa, São Paulo: Chiado.

transformações no psiquismo de cada sujeito, produzindo uma passagem pelo outro, seus pensamentos, seus estados afetivos e suas fantasias. Quando um sujeito fala de um objeto mediador ele ignora que está falando de uma parte do outro depositada no objeto. É um processo ligado à cadeia associativa grupal. Poderíamos dizer, de forma resumida: “é como se o outro pensasse por mim e dissesse o que me toca, sem saber a que ponto ele fala de mim, de minha história, de meus desejos, de minhas emoções ou de meus traumatismos”.³⁹

*O grupo traz as associações, manifesta sua cadeia associativa própria, até o momento em que um conteúdo, transitando pelo objeto mediador, faz eco e produz um ponto de ligação de sentido, altamente significativo para aquele que se reconhece nele.*⁴⁰

Por outro lado, o grupo de mediação oferece aos sujeitos do grupo novos modelos identificatórios, permitindo que se reapropriem de partes perdidas da história pessoal e coletiva, bem como da grupalidade psíquica interna.

*Todo grupo de mediação oferece ao sujeito uma oportunidade de encontrar novos modelos identificatórios através dos personagens colocados em cena, permitindo que o sujeito se reaproprie de partes de sua história e de sua grupalidade psíquica interna, muitas vezes sem que isso seja de conhecimento de cada um e do grupo.*⁴¹

39 Idem, p. 93.

40 Idem, p. 93.

41 Toledo, R. P. de. (2021). O trabalho com Fotolinguagem nos grupos de formação de psicoterapeutas e coordenadores de grupos. *Vínculo*, 18(2), 1-6. Recuperado de <https://dx.doi.org/10.32467/issn.19982-1492v18nesp.p499-506>.

A Fotolingagem

Segundo Castanho,⁴² Fotolingagem “é um recurso para o trabalho grupal que pode ser utilizado por diferentes referenciais teóricos”. O método da Fotolingagem© foi criado em 1965 por um grupo de psicólogos e psicossociólogos franceses, de Lyon, que trabalhava com adolescentes que encontravam dificuldades de se exprimir e falar em grupo de suas experiências diversas e, frequentemente, dolorosas. Os psicanalistas começaram a trabalhar com o método a partir de 1988. Vacheret adotou e desenvolveu essa técnica na área de saúde mental.⁴³ Para essa autora,⁴⁴ é utilizado em formação de adultos e em psicoterapia.

É um método indicado para pacientes que demonstram uma falha no funcionamento do pré-consciente,⁴⁵ que carecem do pensamento associativo e cuja transferência é marcada pela violência: toxicômanos, alcoólicos, detentos em prisão, adolescentes delinquentes e todas as patologias graves próximas da psicose e dos estados-limite. Da formação dos adultos ao tratamento psíquico, cobre um amplo espectro de demandas e de públicos.

O método da Fotolingagem é formado por um conjunto bem preciso de regras e de dossiês de fotos. Na sessão de Fotolingagem é formulada uma pergunta à qual todos os participantes do grupo responderão com uma foto. A produção da pergunta pelos

42 Castanho, P. (2018). *Uma introdução psicanalítica ao trabalho com grupos em instituições*. São Paulo: Linear B, p. 181.

43 Vacheret, C., Gimenez, Guy & Abud, C. C. (2013). Como pensar a sinergia entre o grupo e o objeto mediador. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 47(3), 156-169. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2013000300015&lng=pt&tlng=pt.

44 Vacheret, C. (2015). O grupo, o objeto mediador e o acesso ao pensamento metafórico. In C. C. Abud et al. (Orgs.), *A subjetividade nos grupos e instituições: constituição, mediação e mudança*. Lisboa, São Paulo: Chiado.

45 Freud, S. (2006). Além do princípio do prazer. In S. Freud, *Obras psicológicas de Sigmund Freud: escritos sobre a psicologia do inconsciente* (vol. II, Luiz Alberto Hanns, Coord. e Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920)

coordenadores é a parte mais complexa e delicada do método. A escolha da questão deve ser preparada com cuidado e criatividade.

A sessão se desenvolve em dois tempos. O primeiro é a apresentação da pergunta e da instrução de respondê-la com uma foto, seguida da escolha das fotos. Estas são apresentadas aos participantes do grupo, que são convidados a olhar atentamente todas e escolhê-las, em silêncio. O coordenador deve dizer ao grupo, durante o enunciado das instruções, que ele mesmo escolherá também uma foto e participará das trocas em grupo. Essa instrução tem influência sobre a maneira como o trabalho é percebido pelos participantes. Segundo Vacheret, “os grupos de Fotolinguagem© se desenvolvem muito prontamente pelo fato de que, quando os animadores se implicam, os participantes têm imediatamente a percepção de que não se trata de uma atividade muito perigosa”.⁴⁶

Quando o coordenador percebe que todos escolheram suas fotos, dá início ao segundo tempo, e profere a consigna: *Vocês agora irão apresentar suas fotos, um por vez, quando desejarem, e falarão da foto que escolheram. Todos prestarão atenção e depois podem comentar a foto escolhida pelo colega.* Essa regra do segundo tempo desencadeia o processo associativo grupal.

Nesse segundo tempo começam as trocas em grupo. Cada um falará da foto que escolheu e de suas associações ao descrevê-la, o que é feito pela maioria. Então os demais participantes dizem o que viram de semelhante ou de diferente naquela foto.

Uma das características dessa fase é que a percepção que o grupo e os sujeitos do grupo têm do objeto se modifica. “O discurso associativo em grupo produz duas cadeias associativas: a de cada sujeito no grupo e a do grupo. Cada uma traz consigo os efeitos do inconsciente.”⁴⁷

46 Vacheret, C. (2008). A Fotolinguagem©: um método grupal com perspectiva terapêutica ou formativa. *Psicologia: Teoria e Prática*, 10(2), 180-191, p. 184.

47 Kaës, R. (2011). *Um singular plural: a psicanálise à prova do grupo*. São Paulo: Loyola, p. 137.

No grupo de abertura do evento trazido aqui – e possível também em vários outros grupos naturais de vida (sociais e institucionais) –, foi utilizado o dispositivo da psicanálise de grupos com o objeto mediador da Fotolinguagem, com a finalidade de abertura de um espaço coletivo para pensar.

A sessão de Fotolinguagem

A sessão de Fotolinguagem foi a atividade de abertura do evento, que ocorreu na modalidade on-line, com duração de noventa minutos e coordenada pelas autoras deste texto, que propuseram de forma oral, concomitante com a projeção escrita, a pergunta com a consigna: *Como é viver em sociedade para você? Responda com uma foto*. Essa pergunta foi proposta com a finalidade de disparar a possibilidade de reflexão a respeito das vivências atuais do grupo naquele momento social, abrir a experiência emocional ao tema do evento e favorecer o pensar coletivo a partir dessa experiência.

A sessão começou com os vinte participantes, além das coordenadoras. Foram apresentadas cinquenta fotos, selecionadas previamente pelas coordenadoras dentre cinco dossiês franceses de Fotolinguagem^{48,49,50,51,52} e algumas fotos brasileiras⁵³ no PowerPoint,

48 Bélisle, C., & Baptiste, A. *Dossiers Photolanguage©: Travail. Economie. Loisirs. Relations humaines*. Lyon: Editions Du Chalet. (oito fotos escolhidas)

49 Babin, P., Baptiste, A., & Bélisle, C. *Dossiers Photolanguage©: Corps et communication*. Lyon: Editions Du Chalet. (nove fotos escolhidas)

50 Babin, P., Baptiste, A., Bélisle, C., & Lonjarret, G. *Dossiers Photolanguage©: Groupes*. Lyon: Editions Du Chalet. (oito fotos escolhidas)

51 Alric, C., Baptiste, A., Bélisle, C., Gattet, M-C., & Mouliner, C. *Dossiers Photolanguage©: FEMMES en devenir*. Lyon: Editions Du Chalet. (doze fotos escolhidas)

52 Baptiste, A., & Bélisle, C. *Dossiers Photolanguage©: Des choix personnele aux choix professionnelle*. Paris: Editions D'Organization. (cinco fotos escolhidas)

53 Fotos brasileiras avulsas, que não são dossiês. (oito fotos escolhidas)

com intervalo de sete segundos entre elas. Todos os participantes do grupo, inclusive as coordenadoras, escolheram uma foto e, em seguida, teve início o momento da apresentação delas, no qual os participantes falaram sobre suas escolhas e comentaram, conforme sua vontade, a foto escolhida pelos outros participantes.

Nesse grupo, duas fotos foram as mais escolhidas: a de número 14 (Figura 1.1), escolhida por quatro participantes (é a foto de um grupo de pessoas se abrigando da chuva sob um pedaço de lona); e de número 3 (Figura 1.2), escolhida por três participantes (é uma foto de trabalhadores no campo, homens e mulheres, de todas as idades). A foto 18 (Figura 1.3) foi aquela que, como a 14, recebeu mais comentários de outros participantes.



Figura 1.1 – Foto 14. Fonte: foto brasileira avulsa, sem fazer parte de nenhum dossiê.



Figura 1.2 – Foto 3. Fonte: Baptiste, A., & Bélisle, C. *Dossiers Photolanguage*©: *Des choixpersonneleauxchoixprofessionnele*. Editions D' Organization.



Figura 1.3 – Foto 18. Fonte: Alric, C., Baptiste, A., Bélisle, C., Gaittet, M-C., & Mouliner, C. *Dossiers Photolanguage*©: *FEMMES endevenir*. Editions Du Chalet.

A sessão passa para o segundo momento, quando todos expõem a própria foto ao grupo e ocorrem associações de quem apresentou sua foto, mais os comentários de outros participantes. No início, quatro pessoas apresentam quatro fotos diferentes, sendo que a primeira é associada pelo participante a “pessoas que estão numa corda bamba na construção”. Seguem outros três participantes, apresentando cada um a sua própria foto. Falam em “equipe de trabalho médico em exercício de cuidado”, “trabalho em equipe na cozinha”, “família reunida em sala de jantar”. O que está surgindo ali, logo após a percepção da corda bamba, é a ideia de união em torno do cuidado e do provimento.

Mas, logo em seguida, na terceira foto escolhida – Figura 1.3 –, surgem escolhas com associações por parte de dois participantes, acrescidas de associações de outros membros, em que se fala de “inundações em áreas naturais por necessidades da sociedade incompatíveis com a natureza”, “incêndios e floresta queimada na Amazônia e no Pantanal”, de “areia e aridez”, de “angústia e inundação”, *versus* a visão de “uma cenografia com areia e não água, um espaço aberto, criativo” na mesma foto. Uma outra pessoa, então, coloca em relação a essa foto: “quando vi na primeira vez tive a sensação de destruição, aridez. Na segunda vez vi água, renovação”. Um dos participantes, o mesmo que se referira antes ao espaço criativo, continua e relata ter tido um susto quando viu a água pela apresentação dos outros. No final da apresentação da foto 18, uma pessoa afirmou: “mas quando vi esta foto, eu pensei, essa eu não vou escolher, tem a ver com a força da natureza, não tem a ver com a sociedade”. Nesse momento, esse último participante na foto 18 traz a escolha da foto 14 – a mais escolhida –, seguido por duas outras pessoas na mesma escolha.

Ao escolher a foto 14, diz, antes, que essa foto conversa com a 18. Refere-se “a um grupo que está junto, organizado e protegido até contra a natureza, apesar de vulnerável”. Outra pessoa que também optou por essa foto fala que “é a sociedade que queria”, com “pessoas

num cenário bem adverso, que conseguiram uma maneira de se proteger”. Mais um participante escolheu a foto por lhe passar a ideia de “solidariedade” e diz: “vemos o perigo e temos de nos unir”. Outro também escolheu a 14 e diz: “escolhi essa foto porque me levou a algo mais primitivo, um agrupamento se organizando para sobreviver, agrupamento que consegue se unir para dar conta de coisas da natureza”. Uma quinta pessoa diz, comentando a foto, que “quase escolhi, pois me conduz a uma ligação antiga e ancestral, ao coletivo enquanto lugar de amparo; me tocou bastante quando ela passou”. Outro membro que comentou a foto 14 citou “o momento difícil de tempestade”. Outro comentário sobre essa foto foi que ela incomoda e lembra as histórias de Graciliano Ramos⁵⁴ e também o livro *Torto arado*.⁵⁵ Outra fala traz ainda: “essa foto me incomodou, me deu a impressão de pessoas no campo exploradas”.

Em seguida, na sessão de Fotolinguagem, seguem novamente diferentes escolhas de fotos e diversas associações. Falam de ter escolhido a sociedade que representa o que vivem hoje ou já viveram, ou, ao contrário, de escolherem a sociedade em que gostariam de viver, mas que não representa o que vivem. Alguém fala que escolheu “foto solitária, pois é preciso voltar para dentro para lidar com as demandas da sociedade”. Até que ocorre a escolha da foto 3.

Três pessoas que escolheram essa foto falam da possibilidade e do sentido de uma construção coletiva: “ainda podemos viver este coletivo”, “este coletivo para mim representa a sociedade”, “volto ao passado para pensar a construção coletiva, sofrida e árdua, com os imigrantes”, “é a dor da construção coletiva”.

Retomam as variadas escolhas de fotos, e nas associações, novas manifestações: “o espaço de grupo e a sociedade”; “múltiplas existências, um monte de células que insistem em viver”; “o equilibrar-se

54 Ramos, G. (1973). *Vidas secas. Angústia* (32a ed.). São Paulo: Livraria Martins.
55 Vieira Jr., I. (2018). *Torto arado*. São Paulo: Todavia.

necessário”. E surge novamente em outra pessoa: “indivíduo, atrás de barras de aço, sujeito solitário”. Um participante conclui: “Há uma espécie de coletivo individualizado, o que mostra que não estamos aí num bom caminho. Uma multidão solitária. Todos iguados, anonimizados, iguais, mas na verdade distintos... chega a dar medo...”.

Em seguida, a coordenadora 1 apresenta sua foto e fala de trilhos, de caminhos, da necessidade de circular por áreas melhores, por condições melhores. Uma pessoa completa a coordenadora, dizendo “outras possibilidades”, “me pegou a ideia da criança, ideia de que olha o mundo com abertura”. A coordenadora 2 apresenta sua foto e fala que “para prover cuidado é preciso um grupo, no grupo ao mesmo tempo um continente e um fermento para saídas diferentes”. Um outro participante completa: “o grupo protegido da foto 14 é a proteção contra o desamparo, o qual pode ser transformado, assim como também a própria proteção pode ser transformada”. A partir daí o grupo passa a associar mais livremente, sem relação direta com as fotos.

Na sequência, vão trabalhando. Uma pessoa diz: “pegar aqui o que é próprio e singular e ir compondo a colcha de retalhos, uma composição e uma continuidade...”; outra pessoa completa: “como se tivéssemos sonhado juntos; as imagens fazem isso, não se faz só de pensamento, mas de imagens internas”. Ainda outro participante comunica: “o que ficou fora da panela foi o genitalizado”. E um outro completa: “Eros é a força primária dos grupos, onde há vínculos”. Retoma o anterior: “Pensar e sentir”. O grupo se autoanalisa em sua própria atividade agora.

Então alguém chama a atenção de todos: “Não apareceram os meios de produção, algo que se opõe. Isto é outra colocação”.

O participante que trouxe antes Eros, diz: “Sonhar foi possível. O que está me fascinando. A foto estimula muita projeção. É claro que temos de projetar nossos temores. Não só um cenário de realização, mas também de não realização. Estamos no território das

possibilidades em uma época tão aterradora coletivamente. Quanta coisa é possível e se revela impossível, e que possibilidades isto, por sua vez, causa”. Uma das pessoas que escolhera a foto 18 afirma: “a vida que insiste, como um colega disse aqui hoje”. Nesse momento dois participantes deixam o grupo. O membro que dissera a frase acima completa: “são elementos que acolhem e permitem o coletivo”. A coordenadora 1 agora diz: “temos cinco minutos”.

A mesma pessoa repete que “a vida insiste, é tão enigmático e é poético” e continua: “no meio de tudo isso estamos conseguindo produzir pensamento... a vida insiste; apesar de tudo a gente está compondo”. Quem falara antes em imagens acrescenta: “imagens são pensamentos”. A coordenadora 2 aponta: “produção estética”, e o participante de “a vida insiste” diz: “estética de contrários”. A coordenadora 2 então diz: “nossa tenda está sendo o pensar”. E a coordenadora 1 completa: “construída coletivamente, e cada um constrói os pedaços”, seguida pela coordenadora 2, que diz: “sonhar juntos”. E um membro declara: “que contato!”, e a sessão de Fotolinguagem termina.

Considerações finais

O uso da Fotolinguagem facilita a expressão daquilo que é difícil de ser simbolizado, possibilita o pensar crítico, que é aquele pensar que recolhe o sentido onde o sentido pode se perder sem alcançar o símbolo, que permite dar continência ao pensar dialético no espaço grupal.

Castanho,⁵⁶ que utiliza e considera de muita importância para o trabalho do psicanalista com grupos o uso da Fotolinguagem, já

56 Castanho, P. (2018). *Uma introdução psicanalítica ao trabalho com grupos em instituições*. São Paulo: Linear B, p. 181.

apontou que “seu uso por Claudine Vacheret se distingue pela leitura e fundamentação psicanalíticas rigorosas”. Muitas vezes há um questionamento, por parte de psicanalistas, quanto ao uso do método de objetos mediadores e, sobretudo, da Fotolinguagem pela psicanálise.

Vários pontos podem ser questionáveis: quanto à qualificação do objeto mediador em psicanálise; o fato de haver uma pergunta e uma consigna como tarefas estabelecidas previamente ao grupo, diferenciada da noção de tarefa de Pichon-Rivière ou de trabalho em Bion, que poderia comprometer a associação livre por parte dos participantes; o fato de os coordenadores participarem em ação ativa durante a sessão, escolhendo a foto e falando dela, dificulta ao psicanalista se manter em atenção flutuante como estabelecido por Freud,⁵⁷ e permanecer *sem memória ou desejo* como esclarecido por Bion,⁵⁸ impedindo a regra da abstinência; enfim, o principal, a nosso ver, a própria apresentação de fotos característica do método seria questionada.

Quanto ao uso do objeto mediador, devemos nos lembrar do jogo do rabisco criado por Winnicott,⁵⁹ bem como da própria apresentação da caixa lúdica utilizada por Melanie Klein⁶⁰ ou da solicitação de produção de desenhos por Françoise Dolto⁶¹ como possibilidades de objeto mediador aceitos no exercício da psicanálise, como

57 Freud, S. (1969). Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. XII; Jayme Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1912)

58 Bion, W. R. (1967). Notes on memoire and desire. *Psycho-Anal. Forum*, II(3).

59 Winnicott, D. W. (1984). *Consultas terapêuticas em psiquiatria infantil*. Rio de Janeiro: Imago, 1984. (Trabalho original publicado em 1971)

60 Klein, M. (1997). A técnica da análise da criança pequena. In (1932). *A psicanálise de crianças. Obras completas de Melanie Klein*. (vol. II; Liana Pinto Chaves, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1925)

61 Dolto, F. (1985). *Seminário de psicanálise de crianças*. (Vera Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1982)

instrumentos legítimos de trabalho. Muitas respostas já foram pensadas em relação a isto por outros autores.

Quanto ao coordenador de grupo de Fotolinguagem, percebemos, pela sessão descrita, quanto ele sintoniza no processo grupal, capta e associa a partir do fenômeno grupal sem perder sua singularidade nem sua capacidade de escuta flutuante e sua continência sem memória nem desejo.

A Fotolinguagem não se baseia na associação livre total por parte do sujeito, ela é disparada por associação com imagens visuais, caracterizando o método pelo apelo à figurabilidade,⁶² que é uma das características de funcionamento do processo primário inconsciente para Freud.

Trata-se, aqui, da possibilidade de sustentação do fantasiar como o “pensar” em imagens visuais, às vezes apenas pré-visuais.⁶³

A coibição da descarga motora ou ação, que se tornou necessária ao aparelho, é proporcionada, para Freud,⁶⁴ pelo processo do “pensar”, que ultrapassa e se desenvolve a partir do de visualizar ou conceber mentalmente a impressão do objeto, o que, nas origens, seria uma representação de coisa.^{65,66} Portanto, é importante demarcar

62 Freud, S. (1972). A interpretação dos sonhos. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (vol. V; Jayme Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1900)

63 Persicano, M. L. S. (2013). *A imago somatossensitiva na fantasia somática*. São Paulo: Escuta.

64 Freud, S. (1969). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (vol. XII; Jayme Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1911)

65 É o que nas primeiras traduções de Freud do inglês para o português era denominado de apresentação.

66 Freud, S. (2004). Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico. In S. Freud, *Obras psicológicas de Sigmund Freud: escritos sobre a psicologia do*

que só será “pensar” a partir do ato de visualizar ou conceber mentalmente as relações entre as diferentes impressões deixadas pelo objeto. Só é “pensar” se esta formação de imagens incluir ou relacionar impressões. Este ato de conceber mentalmente [Vorstellen], segundo a tradução recente do alemão para o português, também tem a conotação de imaginar ou visualizar uma imagem, “trata-se do pensar calcado no ato de imaginar”,⁶⁷ que caracteriza o “pensar” sob o processo primário, com sua figurabilidade imaginária. Aqui, para Freud, é preciso visualizar mentalmente, ou seja, uma imagem formada a partir da sensorialidade visual, para ser “pensar”.^{68,69}

Outro aspecto a ser considerado para pensar a apresentação de fotos para dispararem escolha e associações é lembrar que, “em seus desenvolvimentos a respeito desse imaginário fantasístico, Freud^{70,71} inclui implicitamente a importância do fantasiar pré-consciente e, em outro momento, coloca todo o trabalho do pré-consciente como extremamente necessário ao processo de elaboração psíquica”.⁷²

inconsciente (vol. I; Luiz Alberto Hanns, Coord. e Trad.) Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1911)

67 Idem, p. 73.

68 Persicano, M. L. S. (2013). *A imago somatossensitiva na fantasia somática*. São Paulo: Escuta, pp. 45-46.

69 Freud, S. (1976). Além do princípio do prazer. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. XVIII; Jayme Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920)

70 Persicano, M. L. S. (2004). *A angústia na trilha da pulsão: entre psique e soma. A metapsicologia da angústia e de suas manifestações somáticas*. (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo.

71 Freud, S. (1976). Além do princípio do prazer. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. XVIII; Jayme Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920)

72 Persicano, M. L. S. (2013). *A imago somatossensitiva na fantasia somática*. São Paulo: Escuta, p. 51.

Em seus desenvolvimentos a respeito desse imaginário fantasístico Freud inclui implicitamente a importância do fantasiar pré-consciente e, em outro momento, coloca todo o trabalho do pré-consciente como extremamente necessário ao processo de elaboração psíquica. Fala na capacidade de ligação do sistema pré-consciente, na amplitude dele, na energia quiescente disponível nele, pronta para ser usada. E esta depende do nível de estruturação simbólica alcançada pelo aparelho, que por sua vez depende de como esse aparelho conseguiu lidar com as excitações pulsionais ao se constituir. E, enfim, sem a capacidade de ligação do pré-consciente, não há recalque secundário exitoso. Este exige um pré-consciente amplo e rico. Se nas origens deste aparelho não se fundar o recalque originário, temos um pré-consciente do ego incipiente em sua capacidade significadora e maior tendência do ego em proceder à rejeição das intensidades, do que em efetuar o recalque. E aí, percebe-se, permaneceriam apenas as fantasias inconscientes, não haveria nem o sonho nem o fantasiar diurno.⁷³

Pensando assim, é possível sustentar que o uso de fotos favorece que o material irrepresentável, não só em sujeitos com falha no funcionamento do pré-consciente,⁷⁴ mas também em todos os humanos frente a situações de vida insuportáveis e indizíveis, encontre estímulos para caminhar a vias representacionais, por meio da projeção sobre as imagens das fotos. Trata-se do mesmo princípio dos testes

73 Idem.

74 Freud, S. (2006). Além do princípio do prazer. In S. Freud, *Obras psicológicas de Sigmund Freud: escritos sobre a psicologia do inconsciente* (vol. II; Luiz Alberto Hanns, Coord. e Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920)

projetivos figurativos que permitem ao irrepresentável encontrar vias imagéticas visuais de representação, só que agora, na Fotolinguagem, tem finalidade oposta ao psicodiagnóstico: abrir espaço para o material ser vivenciado, ser elaborado e ser representado.

O método dispara o funcionamento do nível simbólico do “como se”, objeto que contém angústias e conflitos, pois tolera as contradições, e assim permite o pensar dialético. E, também, o irrepresentável, num “pensar calcado no ato de imaginar sem visualizar, construído com imagens de sensações somáticas pré-visuais e pré-auditivas”,⁷⁵ poderá então ser acolhido, por projeção, pela imagem visual.

No uso da Fotolinguagem como objeto mediador em grupos, podemos dizer, fazendo uso do artigo de Maria Antonieta Pezo del Pino:⁷⁶

*Apresenta-se o conceito de cadeia associativa grupal e sua especificidade . . . O trabalho com grupos instaura processos associativos distintos dos descritos pela psicanálise, no enquadre clássico, devido à presença de vários sujeitos simultaneamente e aos efeitos da interdiscursividade. As cadeias articulam processos inter-relacionados, as associações do sujeito singular e as produzidas intersubjetivamente no grupo. Quando, para além da palavra, se inclui no grupo um mediador terapêutico . . . , o processo associativo apresenta marcas específicas.*⁷⁷

As imagens da Fotolinguagem apelam aí para o trabalho do pré-consciente e disparam um fenômeno associativo grupal. É esse

75 Persicano, M. L. S. (2013). *A imago somatossensitiva na fantasia somática*. São Paulo: Escuta, p. 46.

76 Pino, M. A. P. del P. (2015). Do squiggle game ao pictograma grupal: a especificidade das cadeias associativas grupais. *Jornal de Psicanálise*, 48(88), 131-142.

77 Idem.

fenômeno que permite o recolhimento do sentido onde o sentido poderia se perder sem alcançar o símbolo, pois a situação grupal e o uso do objeto mediador dão continência ao pensar dialético no espaço grupal, favorecendo o pensamento crítico.

Portanto, a fundamentação metapsicológica na figurabilidade inconsciente e no trabalho do pré-consciente aponta que o método não precisa comprometer a associação livre por parte dos sujeitos do grupo nem a cadeia associativa grupal, e temos a demonstração disto na sessão de Fotolinguagem exposta neste texto. Nela ficou evidente que o grupo conseguiu se manter em grupo de trabalho, dando conta de superar o grupo de suposto básico latente, podendo, assim, integrar o agir, o pensar e o sentir, caracterizando-se em processo de aprendizagem, ao tratar das dores, desconfortos e inquietudes provocados pelo viver em sociedade nos dias de hoje.

O grupo, no final da sessão, se tornou um *eu plural*^{78,79} que se dá quando um grupo alcança uma unidade na vivência inconsciente de um *nós-aqui-agora*.

78 Persicano, M. L. S. (2018). O eu plural. A unidade do nós-aqui-agora. Artigo não publicado, apresentado no evento *O Eu Plural*, realizado no Departamento Formação em Psicanálise do Instituto *Sedes Sapientiae* em 2018.

79 Lazslo, A. Á. (2016). *Grupos: uma perspectiva psicanalítica*. São Paulo: Zagodoni.



As dimensões ética e política da psicanálise convocam a transmissão de um pensar acerca do coletivo, não apenas entre os pares de ofício, ampliando as possibilidades de transformação, social e singular. Este livro se apoia nesse objetivo grupal de expansão de saberes diversos, sendo dirigido a todo leitor que possa se interessar pela temática desenvolvida.

Os textos que o compõem oferecem a oportunidade de reflexão acerca de questões fundamentais, contemporâneas e históricas, conversando intimamente com o momento presente do nosso país e do mundo, sendo alguns mais densos e outros com uma tonalidade mais informal. Assim, dirige-se a todo tipo de leitor, tanto de dentro como de fora do campo psicanalítico.

Um convite a mergulhar no universo do questionamento *na e da* pólis. Uma incursão em narrativas que tocam no que, em cada um de nós, resiste a propostas de subordinação e de alienação, num caminho de esperança e como dispositivo de mudança.



Grupo de Estudo
**Psicanálise, Grupos
e Instituições**



SEDES
SAPIENTIAE

PSICANÁLISE

ISBN 978-65-5506-448-3

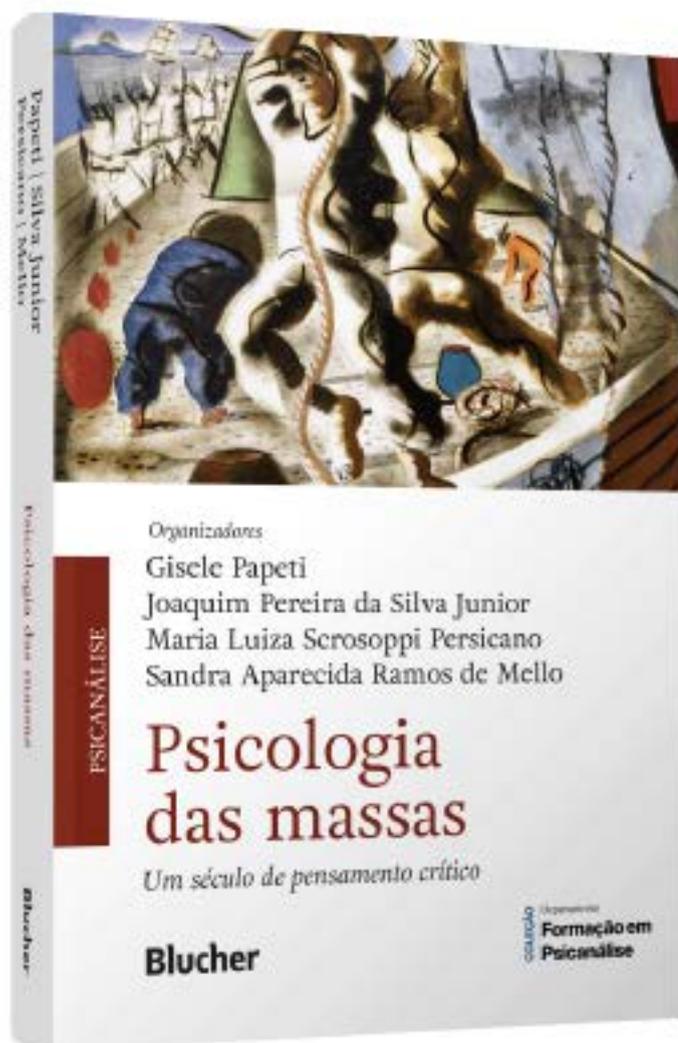


9 786555 064483



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

Psicologia das massas

Um século de pensamento crítico

Gisele Papeti, Joaquim Pereira da Silva Junior,
Maria Luiza Scrosoppi Persicano,
Sandra Aparecida Ramos de Mello

ISBN: 9786555064483

Páginas: 312

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2022
